

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Hozana Barros Neves ¹
Rafaela Honório de Azevedo ²
Margareth Maria de Melo ³

RESUMO

Observando o cenário da cultura afro-brasileira e indígena nos livros didáticos, notamos a importância de expressar como essas culturas estão sendo passadas nos livros, tendo em vista, que ao pesquisar nota-se uma desvantagem em comparação a outras culturas mostradas, diante disso, verifica-se a falta de dados e fatos que realmente aconteceram na época. A presente reflexão mostra os primeiros resultados de um projeto de pesquisa em andamento, que tem como tese enfatizar a importância das culturas afro-brasileira e indígena presente nos livros didáticos. Este estudo tem como objetivo investigar como a temática étnico-racial está sendo abordada no livro didático de história do 4º ano do Ensino Fundamental. Partindo das leis n. 10.639/2003, n. 11.645/2008 que instituíram o estudo obrigatório da temática africana, afro-brasileira e indígena nos currículos do Ensino Fundamental e Médio com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que trata das competências, objetos de estudo e habilidades que devem ser desenvolvidas nas diversas etapas e modalidades de ensino da Educação Básica, a presente pesquisa questiona: será que as normativas citadas garantem que a temática em questão seja trabalhada em sala de aula? Como a diversidade étnico-racial é abordada na BNCC e no livro didático? A metodologia está sendo desenvolvida por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativa e descritiva. Entendendo-se o livro didático estudado como documento histórico que reflete a necessidade do período em que foi editado.

Palavras-chave: Livro-didático, BNCC, étnico-racial, Cultura

INTRODUÇÃO

O livro didático (LD) é uma grande ferramenta de ensino-aprendizagem, utilizada por muitas escolas no Brasil. Porém, nota-se que o livro ainda aborda questões importantes na perspectiva dos europeus, trazendo poucas informações sobre outros povos e culturas que formam nosso país. Por outro lado, em 2023, a Lei n. 10.639/2003 está completando 20 anos e a 11.645/200 15 anos que acrescentaram mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena em toda Educação Básica.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, hozana.neves@aluno.uepb.edu.br

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rafaela.azevedo@aluno.uepb.edu.br

²³ Professora, doutora, orientadora, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, margarethmelo@servidor.uepb.edu.br

Será que as normativas citadas garantem que a temática étnico-racial seja trabalhada em sala de aula? Como os livros didáticos abordam os temas sobre povos indígenas, afro-brasileiros e África no componente de história? Com a promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017 e a mudança dos conteúdos propostos para o 4º ano, como a diversidade étnico-racial é abordada na BNCC? Será que a visão eurocêntrica continua prevalecendo nos LD?

Esses questionamentos são muito preocupantes, levando em consideração que o livro didático é um material bastante utilizado pelos professores como metodologia e base do ensino, às vezes, é o único material disponível para os professores trabalharem. Ou seja, é um instrumento que irá nortear o docente nas atividades, nos conteúdos, e os discentes estarão em constante contato com as informações obtidas no livro, textos, imagens, atividades, gerando aspectos que podem influenciar nas opiniões em relação a um determinado assunto.

Assim, a presente pesquisa teve como objetivo geral investigar como estão sendo abordados os temas sobre povos indígenas, afro-brasileiros e África, nos livros didáticos de história do 4º ano do Ensino Fundamental. Para os objetivos específicos foram definidos: analisar como a BNCC aborda a temática étnico-racial no 4º ano do Ensino Fundamental, verificar como os livros didáticos de história estão tratando os conteúdos da diversidade étnico-racial e comparar os conteúdos sugeridos no livro didático do 4º ano do Ensino Fundamental com a BNCC.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa bibliográfica e documental foi de natureza qualitativa e descritiva. Os livros foram escolhidos aleatoriamente para a pesquisa, visto que, a Secretaria de Educação do município SEDUC/CG mudou a forma de escolha dos LD, antes cada escola escolhia seu livro, agora é o mesmo LD para todas as escolas do município. Os livros foram: Apis edição 2017, Aprender Juntos, edição 2017 e A Conquista, edição 2021. A análise de conteúdo dos livros tomou como referência Bauer (2013), que possibilitou a seleção de algumas categorias com base na comparação do que é proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004), como também o que é determinado na BNCC (BRASIL, 2017), para os livros do 4º ano.

Desse modo, segundo Martin Bauer:

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características de corpus do texto, considerável atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades”, e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (BAUER, 2003, p.190.)

Nesse sentido, a análise de conteúdo utilizada na pesquisa considerou aspectos quantitativos e qualitativos, a partir das referências citadas acima, foram definidas as categorias. As categorias selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa foram: Resistência indígena, África, Resistência negra, e o Pós-Abolição.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da lei n. 10.639/2003 e da lei n. 11.645/2008 que institui o estudo obrigatório da temática africana, afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação Básica e com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que trata das competências, objetos de conhecimento e habilidades que devem ser desenvolvidas nas diversas etapas e modalidades de ensino da Educação Básica. A BNCC é um documento normativo que foi aprovada em 2017. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana foram aprovadas em 2004, apresentam inúmeras sugestões e orientações para o trabalho nos currículos escolares.

A BNCC modificou os conteúdos tratados no 4º ano do Ensino Fundamental, propondo a análise de processos mais longínquos na escala temporal, como a circulação dos primeiros grupos humanos" (BRASIL, 2017, p. 404). São propostas três unidades temáticas que tratam da origem da humanidade aos tempos atuais, com as permanências e mudanças nas trajetórias dos grupos humanos. As circulações de pessoas, produtos e culturas é a segunda temática e, por fim, as questões históricas sobre a migração (BRASIL, 2017).

Além das leis e normativas citadas anteriormente estão sendo trabalhados textos de autores/as que estudam a temática afro-brasileira e indígena, como Freire (2016) que destaca os cinco equívocos sobre os povos indígenas, além de Albuquerque e Fraga Filho (2006) que provoca um mergulho na história da população negra no Brasil.

Muitas pessoas ainda têm ideias negativas sobre os povos indígenas, com pensamentos ultrapassados e que geram a desvalorização desses grupos. No artigo “Os cinco equívocos sobre o índio”, de Freire (2016), é falado justamente, sobre essas concepções negativas sobre indígenas, que muitos ainda possuem por falta de conhecimentos.

A primeira ideia que a maioria dos brasileiros têm sobre os índios é a de que eles constituem um bloco único, com a mesma cultura, compartilhando as mesmas crenças, a mesma língua. Ora, essa é uma ideia equivocada, que reduz culturas tão diferenciadas numa entidade supra-étnica. (FREIRE, 2016, Pág. 3).

Em virtude desses aspectos, é nítido a importância e necessidade de conhecer verdadeiramente outras culturas, quebrando estereótipos, e ressaltando a relevância desses povos para a formação do Brasil. Por isso, é necessário que os livros retratem os indígenas como grupos importantes para o Brasil, que foram e são muito resistentes ao longo da história, para que as crianças compreendam o quanto esses povos são relevantes na nossa história.

Freire (2016), também destaca, sobre concepção de indígena como um único povo, isso porque, ainda se há a ideia de que todos os indígenas são iguais, com a mesma língua, costumes e religião. Apagando as particularidades de cada povo, e trazendo de forma genérica como “índio”. Porém, Freire ressalta que “Hoje vivem no Brasil mais de 200 etnias, falando 188 línguas diferentes. Cada povo tem sua língua, sua religião, sua arte, sua ciência, sua dinâmica histórica própria, que são diferentes de um povo para outro.” (Freire, 2016, Pág. 4). Ou seja, existe uma pluralidade cultural dos povos originários, e que precisam ser trazidos pelos livros didáticos, para desconstruir na sociedade a ideia de indígena como um único povo, e a pesquisa visa avaliar se os livros abordam essas questões sobre as diferentes culturas indígenas.

Outro ponto da pesquisa é analisar como a questão negra está sendo abordada nos livros didáticos do 4º ano de história, observando se suas lutas estão sendo apresentadas ao longo da história. Além disso, assim como os indígenas, os africanos têm uma cultura diversificada, com vários povos e costumes, e os livros devem apresentar essas diferenças. Os livros de História quando falam de negros, abordam a questão da escravidão, do tráfico de escravos. É muito comum, ver imagens dos navios negreiros, ou escravos sendo castigados nos livros, porém, é importante salientar que os africanos não aceitaram a escravidão com facilidade, pois, assim como os indígenas, eles lutaram muito, resistindo de diversas formas.

A retirada violenta de africanos de suas comunidades, conduzidos para trabalhar como escravos em terras distantes, foi a solução encontrada pelas potências coloniais européias para povoar e explorar as riquezas tropicais e minerais das colônias no Novo Mundo. A colônia portuguesa (o Brasil) dependia de grande suprimento de africanos para atender às necessidades crescentes de uma economia carente de mão-de-obra. A migração transatlântica forçada foi a principal fonte de renovação da população cativa no Brasil, especialmente nas áreas ligadas à agricultura de exportação, como cana-de-açúcar. Submetida a péssimas condições de vida e maus-tratos, a população escrava não se reproduzia na mesma proporção da população livre. Era alto o índice de mortalidade infantil e baixíssima a expectativa de vida. Além dos que morriam, o tráfico repunha os que saíam do sistema através da alforria ou da fuga para os quilombos. Assim, havia demanda constante de escravos africanos, algo que se intensificava nos períodos de crescimento econômico. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p,39-40).

No livro “Uma história do negro no Brasil”, de Albuquerque e Fraga Filho (2006), é possível entender como os povos africanos lutaram durante o período da escravidão, não se renderão aos brancos, e fizeram de tudo para preservar sua identidade.

As sociedades escravistas nas Américas foram marcadas pela rebeldia escrava. Onde quer que o trabalho escravo tenha existido, senhores e governantes foram regularmente surpreendidos com a resistência escrava. No Brasil, tal resistência assumiu diversas formas. A desobediência sistemática, a lentidão na execução das tarefas, a sabotagem da produção e as fugas individuais ou coletivas foram algumas delas. Fugir sempre fará parte dos planos dos escravos. (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 117).

Ou seja, os negros sempre lutaram por sua liberdade, resistindo através da música, da alimentação, da dança, da religião, dos quilombos e do confronto diretamente com os portugueses. Essas lutas devem ser evidenciadas nos livros, destacando a história desse povo guerreiro que construiu este país, além da sua importância para o Brasil, assim, não se pode falar da história do país sem falar de indígenas e negros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Resistência Indígena

Nos três livros pesquisados aparece a resistência indígena, ainda é pouco o que é tratado sobre essa temática ao longo da história do Brasil, especialmente, na atualidade, pois os povos indígenas ainda lutam por terra, por melhores condições de vida, por respeito a sua cultura e diversidade. Segundo Freire (2016) um dos equívocos sobre os povos indígenas é a concepção que eles fazem parte do passado, como se hoje não existissem, não estivessem presentes no nosso cotidiano. Falta tratar a história dos povos indígenas a partir de suas lutas e conquistas como nos apresenta Prezias (2017).

Nos três livros tem textos e imagens dos indígenas no encontro com os portugueses, em que prevalece a visão do colonizador. No primeiro momento, a relação ocorreu de forma amistosa, com a prática do escambo, depois foram escravizados para cortar e transportar o pau-brasil. Como muitos não aceitaram a condição de escravizados ocorreram fugas e revoltas.

É bem expressivo como o colonizador chegou, ocupou as terras e os povos nativos que não colaboraram eram escravizados, e dizimados, muitos fugiram para o interior, adentrando no território, outros foram catequizados pelos Jesuítas formando novos aldeamentos ou vilas. Diversos conflitos ocorreram entre indígenas, portugueses, holandeses e franceses. Além das armas de fogo, as doenças trazidas pelos europeus provocaram milhares de mortes. Porém, o LD apresenta de forma muito superficial e até romantizada esse encontro entre indígenas e colonizadores.

2. África

Todos os livros averiguados trazem a África como berço da humanidade relatando que os primeiros hominídeos e a espécie do ser humano atual surgiram na África, apresentam mapas com as rotas migratórias, de povoamento da América, de acordo com as evidências encontradas até o momento.

No livro A Conquista quando é abordado sobre a origem do comércio se refere ao Egito como um dos primeiros países a praticar essa atividade e a circulação de produtos pelo rio Nilo. No entanto, em nenhum momento se fala que o Egito é um país africano. Mais adiante o livro destaca que a África não é um país, mas sim, um continente, com 54 países e muitos povos, ressaltando que cada povo tem sua língua e costumes, ou seja, o livro evidencia a diversidade do continente, apresenta ainda os povos Bantos e Iorubás com suas cidades e formas de organizações políticas, econômicas, as artes e fala sobre um dos mitos Iorubá.

Mattos (2009) apresenta as sociedades africanas, seus reinos com organizações política, religiosa, social e econômica, com as produções agrícolas e comércio em larga escala, ajuda a compreender que os povos africanos não eram selvagens, sem história e cultura como foi transmitido durante muito tempo. Por outro lado, dois livros ainda não falam muito sobre o continente africano, mostrando como era o continente e seus povos antes da chegada do europeu. No livro da Ápis, apresenta o mapa da África com as regiões em que os escravizados foram presos e traficados, porém, não fala nada sobre as regiões do mapa, apenas cita, em um pequeno texto, que os povos Bantos eram especialistas nas técnicas de metalurgia. No livro Aprender Juntos, não aparece o mapa, porém cita as regiões de onde os povos africanos foram traficados, fala ainda que estes desenvolveram técnicas de metalurgia, agricultura, arquitetura e muitos praticavam o comércio ou eram artesãos.

3. Resistência Afro-brasileira

A resistência negra durante o período de escravização era descrito nos livros em questão. Pode-se ver que todos tratam da temática da resistência negra de várias formas individuais e coletivas.

No livro da Ápis, foi observado que fala-se pouco sobre o povo negro, pois os textos são resumidos. O livro Aprender Juntos, já apresenta mais textos sobre a resistência negra trata sobre as várias formas de resistência, que segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 118) “a desobediência sistemática, a lentidão na execução das tarefas, a sabotagem da produção” eram também formas de resistência.

Aborda ainda sobre os quilombos, citando dois exemplos, um do passado e outro do presente. Relata sobre a revolta dos Malês, apresenta um mapa com as áreas remanescentes de quilombos, mais adiante se fala sobre as leis abolicionistas e o fim da escravidão. Destaca sobre os mitos e religião tradicional dos povos africanos como símbolos de resistência. Albuquerque e Fraga Filho (2006) apresenta os terreiros e irmandades como espaços de resistência, pois o povo negro através de seus rituais, e tambores se fortaleciam para mais uma jornada de trabalho.

A Conquista é o livro que aborda mais sobre a resistência negra, ressaltando as várias formas de resistência, destaca duas revoltas que mesmo fracassando enfraqueceu a escravidão, trata sobre o movimento abolicionista e apresenta pessoas que se destacaram na luta pela liberdade, as leis que antecederam a abolição, a capoeira, os festejos, a dança, a

música, as fugas para os quilombos, não só o de Palmares. Mesmo assim, ainda é muito pouco o que é abordado sobre essa temática.

4. Pós-abolição

Segundo Chiavenato (2012), em 1887, a maioria da população negra já estava livre, apenas 723.149 escravos existiam, o que correspondia a 5,6% da população, essa situação refletia uma crise do sistema escravocrata, as lutas e fugas não foram em vão, mas não aparece no LD. Sobre o pós-abolição, o livro *A Conquista* descreve que mesmo depois de serem livres os afro-brasileiros sofreram bastante, e muitos continuaram trabalhando para os senhores em troca de alimento e abrigo, outros foram para as cidades na busca de emprego e moradia e alguns passaram a participar ativamente da vida cultural do país.

A falta de indenização para os ex-escravos, abandonados à própria sorte, gerou muita dificuldade para se inserir no mercado de trabalho nas cidades. Inclusive, tem duas fotos no livro *A Conquista*, de casais negros um bem sucedido financeiramente, e outro de crianças pobres. Essas são situações que podem ser problematizadas, pois a maioria ficou em condições subalternas, sem moradia, trabalho e sem acesso a educação e saúde. Como enfrentar todas essas dificuldades? Por fim, cita o nome de alguns artistas de reconhecimento nacional. Nesse caso, surgem as questões: O que aconteceu com a população negra ao longo do século XX? Como sobreviveram sem nenhuma ajuda de políticas públicas do estado brasileiro?

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004) apresentam várias orientações sobre como discutir sobre os temas que são lacunas nos LD. Nos dois outros livros não se fala como o povo negro sobreviveu no pós-abolição retratam sobre a influência dos africanos para a formação do Brasil, trazendo as contribuições desses povos, para as artes e festas populares, a música, dança, culinária, brincadeiras, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos analisados, durante a pesquisa, é possível perceber que a BNCC gerou grandes mudanças nos conteúdos dos livros didáticos de história do 4º ano do Ensino Fundamental, principalmente, sobre as questões étnico-raciais, incluindo a temática da África como berço da humanidade, o que permite tratar sobre o continente africano antes

da chegada do europeu. Mostrando que o povo africano tinha história e cultura, conhecimentos e sabedoria ancestral.

As leis que tornaram obrigatório falar sobre a história e cultura dos povos que formaram o Brasil, são de grande importância na superação de uma educação colonizadora que despreza seus povos originários e alimenta uma ideologia do branqueamento, ou seja, a construção de uma educação antirracista exige respeito a diversidade do povo brasileiro, valorização de suas origens, história e cultura.

Os livros da edição de 2017, já apresentaram esses assuntos, porém ainda se fala pouco dos negros e indígenas. Enquanto que, a edição de 2021 aborda um pouco mais sobre esses povos e suas histórias, contudo, ainda é pouco o que o livro retrata, principalmente, porque pouco se fala sobre os indígenas e os negros ao longo do século XX e atualmente. Suas lutas e conquistas para sobreviver a colonização europeia, ou seja, ainda é insuficiente para que os discentes entendam as lutas deles, isso significa que os livros "ocultam" muita coisa sobre esses povos, gerando uma necessidade de reavaliação das temáticas dos livros de História.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do Negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **A Conquista**: história: 4º ano: ensino fundamental: anos iniciais. São Paulo: FTD, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEPPIR. 2004.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. 20 de dezembro de 2017. Disponível em <http://basenacionalcomummec.gov.br> Acesso em março de 2018.

_____. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em abril de 2008.



_____. **Lei n. 10.639 de 19 de janeiro de 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em julho de 2006.

CHARLIER, Anna Maria. SIMIELLI, Maria Elena. **Ápis História.** 4 ano Ensino Fundamental, anos iniciais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2017.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Os cinco equívocos sobre o índio.** Revista Ensaio e Pesquisa em Educação. Volume1, 2016.

FUNARI, Raquel dos Santos; LINGOV, Mônica (org). **Aprender juntos história:** 4º ano: ensino fundamental. 6. ed. São Paulo: Edições SM, 2017.

MATTOS, Regiane A. de. **História e cultura afro-brasileira.** 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009

PREZIA, Benedito Antônio G. **História da Resistência Indígena:** 500 anos de luta. São Paulo: Expressão Popular, 2017.